

LOPES, Aurélio; SERRÃO, Vítor

*Os dialectos das imagens. Discursos do sagrado e do profano*

Lisboa: Caleidoscópio, 2022. 317 p. ISBN: 978-989-658-757-4

CLARA MOURA SOARES

doi: <https://doi.org/10.34632/lusitaniasacra.2024.15994>

Universidade de Lisboa, Instituto de História da Arte

 <https://orcid.org/0000-0002-4130-2158>

Fomos desafiados pela direção da Revista *Lusitana Sacra* a fazer uma recensão crítica à obra *Os dialectos das imagens. Discursos do sagrado e do profano*, da autoria do antropólogo Aurélio Lopes e do historiador da arte Vítor Serrão, prefaciada por Fr. Bento Domingues. Apesar de não se afigurar uma tarefa fácil, atendendo, sobretudo, a que iniciámos a nossa formação em história da arte com o segundo, não hesitámos em aceitar o honroso convite, na certeza de uma aprendizagem garantida e de inúmeros incitamentos à reflexão.

O livro, ilustrado na sua capa com um pormenor da pintura de finais do século XVI de Simão Rodrigues, *A aparição do Anjo no sonho de José*, pertencente a um altar do mosteiro de Almoester, apresenta-se estruturado em seis capítulos, “autónomos, mas absolutamente complementares e indissociáveis”, como referem os autores, sustentados por uma bibliografia vasta e atualizada. Antecede-os uma minuciosa e muito profícua introdução, na qual fica clara a ligação aos estudos do historiador da arte alemão Hans Belting (1935-2023) em torno da antropologia da imagem. A obra encerra com uma conclusão, onde se fazem importantes balanços, mas, sobretudo, onde se abrem perspectivas para novos estudos assentes em dinâmicas transdisciplinares, a envolver a história da arte, a antropologia, mas também outras ciências.

Numa obra sobre imagens, talvez fosse expectável que o número de ilustrações superasse as quarenta e sete figuras que compõem o caderno a cores, integrado após a conclusão. Sabemos dos constrangimentos económicos inerentes a uma publicação profusamente ilustrada, mas também reconhecemos a dificuldade em escolher menos de meia centena de ilustrações num livro onde a imagem é protagonista do início ao fim. A seleção teve que ser, por isso, extremamente criteriosa, apurando-se o detalhe da narrativa e o incentivo à visita dos lugares, num exercício complementar à leitura da obra escrita, onde só o contacto direto com a imagem, com a obra de arte, faz sentido.

Antes de nos determos sobre os conteúdos dos capítulos, olhemos ao título: *Os dialectos das imagens*. Durante a leitura, ocorreram-nos frequentemente outras possibilidades, resultantes das reflexões dos autores e da intensidade da narrativa. O *poder das imagens*, a *vida das imagens* ou mesmo o *fascínio das imagens*, à partida, poderiam estar entre hipóteses alternativas ao título escolhido, no entanto, não apresentam a mesma pluralidade de significado que encontramos no termo “dialetos”. Este inclui a diversidade inerente às variações de tempo e de espaço, assim como de contexto, acentuando a capacidade de comunicação das imagens, acompanhando o seu nomadismo, como defendeu Belting, na sua deslocação através dos tempos e em diferentes culturas. Além disso, consolida a ligação entre a arte e o homem, entre a história da arte e a antropologia (antropologia da arte), em visões dotadas de grande amplitude. Foi, por isso, em nosso entender, uma escolha muitíssimo feliz.

---

Olhando aos capítulos, onde se evidenciam a coerência e fluidez da redação, são inúmeros os exemplos de imagens invocadas, de norte a sul do país, sem esquecer as ilhas, e onde também não faltam exemplos internacionais de todos os tempos, no desafio de ilustrar as múltiplas problemáticas abordadas. Este livro só poderia ter sido escrito por quem viu muito, leu muito, pensou muito e que conhece o país como ninguém. Alguém, na “altitude” de uma vida e de um percurso acadêmico de exceção, como diria a artista Lourdes Castro (1930-2022), citada pelos autores.

Assim, o Capítulo 1, *Conceitos fecundantes: a aura das imagens*, reflete sobre o poder comunicacional das imagens/obras de arte, sobre a sua *força aurática*, sejam elas obras-primas ou obras mais modestas, incitando à sua contemplação e ao legítimo desejo de se querer saber mais sobre elas e sobre as suas histórias. Histórias que não se cingem ao momento da criação, mas cuja condição transcontemporânea não só lhes acrescenta sucessivas camadas de leitura, como vai pondo à prova a sensibilidade dos seus recetores/espetadores, suscitando, por vezes, emoções tão díspares como o afeto ou o ódio, a admiração ou a repulsa. Estes são alguns dos importantes desafios que a história da arte enfrenta no presente, necessitando, para tal, de alicerçar as suas metodologias em abordagens interdisciplinares e transcontemporâneas, que não valorizem apenas as obras de maior destaque e que não procurem ignorar alguns momentos, mesmo quando são de má memória.

No Capítulo 2, *Poder e fragilidade das imagens, um eterno dilema*, os autores colocam a tónica na transcontextualidade das criações artísticas e na sua *transmemória*. Salientando o carácter vivo e dinâmico das imagens, é evidenciada a sua capacidade de ultrapassar a corporalidade material através dos múltiplos significados que lhe vão sendo atribuídos, sejam de ordem religiosa, política, social ou cultural. Porém, na desejável leitura aberta das obras de arte, estas tanto podem gerar apego e encantamento, como podem ser muito incômodas no seu poder de intervenção. É por essa razão que “as imagens também morrem”, vítimas de cancelamento, esquecimento ou de degradação material, sendo substituídas, no devir dos tempos, por outras capazes de suscitar novos sentimentos e emoções. É que as obras de arte têm tanto de poder de intervenção, como de fragilidade física.

O Capítulo 3, *Iconoclastia: a imagem face às censuras*, centra-se no estudo de práticas censórias sobre a produção artística, que tiveram como consequência a destruição e mutilação de muitas imagens. Mudanças de gosto, imposições doutrinárias, razões decorrentes do triunfo da Contra-Reforma e dos princípios conciliares de Trento, ideologias fascistas ou modos de atuação de seitas militarizadas como Daesh e o Estado Islâmico, estão entre as causas motivadoras de numerosos atos de correção ou destruição de obras de arte, ao longo da história. Trata-se de um campo de investigação com muito trabalho por realizar, tanto por historiadores da arte como por antropólogos, conservadores-restauradores e outros profissionais, no qual se torna evidente o poder imenso das obras de arte, mas também o seu papel ameaçador para muitas ideologias vigentes, resultando em atos de destruição e de apagamento de memórias, fruto do fanatismo, da incultura ou do preconceito. Estudar os atos de iconoclastia é, para os autores deste livro, também uma forma de “aviso para servir de prevenção à defesa do Património do nosso tempo” e a defesa deste, uma “prioridade civilizacional”, sob a convicção de que “as obras de arte têm mais poder que a violência dos homens”.

No Capítulo 4, *Iconofilia: a imagem face à exaltação*, focam-se aspetos relacionados com a legitimação de certas devoções (religiosas, políticas, identitárias ou outras), que ajudam a compreender a persistência de alguns cultos imagéticos, seja à escala local, seja à escala nacional, como sucede com Nossa Senhora de Fátima. Nos casos de iconofilia, muito associados a imagens escultóricas sacras e tão comuns entre nós, os autores selecionam alguns exemplos, como Santa Iria (Tomar), a Senhora de Sobre o Tâmega (Marco de Canavezes) ou a Nossa Senhora de Fátima, sendo análoga a todos eles a importância da aproximação das comunidades às imagens cultuadas. A dimensão religiosa acaba, porém, por vezes, instrumentalizada na exaltação de valores políticos e de propaganda, contribuindo para o seu engrandecimento em contextos específicos, como sucedeu com a *Virgem Peregrina*, Nossa Senhora de Fátima, que durante o Estado Novo percorreu todo o território nacional, metropolitano e ultramarino.

O Capítulo 5, *Mediação: a imagem face às comunidades*, dá relevo a exemplos em que as imagens são fundamentais para a identidade local. Seja através da mitificação da história, de lendas remotas perpetuadas através da tradição, do culto ou das festividades, do imaginário popular ou do santo protetor do sítio. Há, por isso, que encarar todos esses fenómenos de mediação da cultura popular e local como importantes fontes de conhecimento, procurando enquadrá-las e compreendê-las, dando oportunidade a novos olhares.

No Capítulo 6, *Hierofania: o fascínio sempre renovado da imagem*, que constitui o derradeiro capítulo deste livro, os autores, em modo de síntese, salientam as potencialidades infinitas dos estudos das imagens, bem como o poder de comunicação, de eloquência e de testemunho que estas encerram. As imagens, aludem às vidas dos homens e das mulheres, fazendo, por isso, parte integrante delas. O estudo da sua dimensão antropológica, da sua imaterialidade, é, pois, um imperativo.

Ao longo dos seus capítulos, num livro que tem como principal argumento a imagem, tanto sagrada como profana, e onde os exemplos dos seus “dialetos” são abundantes, encontramos um fio condutor no qual uma metodologia de trabalho para a história da arte ganha contornos definidos. Trata-se de uma metodologia que, distanciada de modelos tradicionais e das narrativas únicas e universais, procura responder aos desafios da atualidade, nomeadamente, às necessidades do mercado de trabalho, abrindo, simultaneamente, caminhos para o futuro. Uma história da arte assente numa perspetiva alargada, onde cabem todas as formas de arte, da arquitetura à banda desenhada, passando pela fotografia, pelo mobiliário ou pelo cinema, e onde as manifestações artísticas menos eruditas também têm lugar. Talvez possamos falar de uma “história da arte de todos”, ou mesmo de uma “história da arte global” no sentido de uma visão integral da vida e da realidade como ela é, mas também de uma história da arte “para todos”, mais inclusiva e menos castradora, tanto nos temas tratados como nos públicos a que a ela têm acesso. Uma história da arte onde o tempo das obras de arte é o tempo da sua existência, e na qual podemos e devemos ter todos alguma intervenção, sob o risco da sua perda irremediável. A preservação das obras de arte deve ser um imperativo, que os autores deste livro manifestam com preocupação em diversos momentos, num compromisso de todos, dos governantes às comunidades e aos públicos. As obras de arte, como alertou em pleno século XIX John Ruskin (1819-1900), à semelhança dos seres humanos, também têm um ciclo de vida. Sem o sentido fatalista e romântico que encontramos nas palavras do crítico britânico, é fundamental que tenhamos a perceção da sua efemeridade, a qual nos deve impelir

---

a envolvermo-nos no prolongamento da sua vida, seja através do seu estudo ou da sua conservação, como “operários de memória”, citando a interessante expressão utilizada pelos autores.

À interdisciplinaridade, que constitui a base de todo o trabalho desenvolvido entre Aurélio Lopes e Vítor Serrão, caberá um papel determinante nos novos desafios de investigação, com benefícios claros para as imagens/obras de arte, mas também para quem tem o privilégio de poder usufruir delas, de as admirar e de as conhecer melhor. Neste campo, salienta-se o trabalho de parceria que tem sido desenvolvido entre a história a arte e a conservação e restauro, por diversas vezes exemplificado no texto, proporcionando um olhar mais próximo das peças e um diálogo mais íntimo com elas, permitindo dar-lhes “mais vida”, seja através dos meios técnicos que hoje existem ao dispor dos conservadores-restauradores, seja da sua análise transcontemporânea.

Por todas as razões apresentadas, o livro *Os dialectos das imagens. Discursos do sagrado e do profano* é uma obra pioneira em Portugal e incontornável tanto para a História da Arte, como para a Antropologia, onde os estudos das sociedades se fazem, cada vez mais, como um todo global. Duas disciplinas que se entrecruzam num diálogo interdisciplinar muito profícuo, que certamente constituirá uma referência, mas também um impulso para novas investigações nas quais as obras de arte, enquanto testemunhos antropológicos, sejam protagonistas e possam ser percebidas e sentidas com toda a liberdade.